



UMA ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ÓBITOS MATERNOS DE 2020 A 2023 NA REGIÃO CENTRO-OESTE

Renan Bernardini Cota¹; Maria Cecília Martins de Moraes²; Glória Pinheiro Arruda Linhares³; Victória Carvalho da Gama⁴; Ester Araújo Vieira⁵; Ana Carolina Salles⁶.

¹Graduando em medicina pelo CEUB, Brasília - DF, renanbcota@gmail.com;

²Graduando em medicina pelo CEUB, Brasília - DF, 2017mcmm2017@gmail.com;

³Graduando em medicina pelo CEUB, Brasília - DF, gloria.arruda@sempreceub.com

⁴Graduando em medicina pelo CEUB, Brasília - DF,
victoriagama@sempreceub.com;

⁵Graduando em medicina pelo CEUB, Brasília - DF, ester.vieira@sempreceub.com;

⁶Médica, Brasília - DF, ana.salles@oncologiadador.com.br.

INTRODUÇÃO: Segundo o Guia de Vigilância Epidemiológica do Óbito Materno, a mortalidade materna é uma tragédia evitável em 92% dos casos, com maior incidência nos países em desenvolvimento. No Brasil, as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentam as maiores taxas de mortalidade materna resultantes das complicações na gravidez, no parto ou no puerpério. Com base nisso, é imprescindível a caracterização epidemiológica da região Centro-Oeste para identificação de grupos de risco. **OBJETIVO:** Caracterizar o perfil epidemiológico de óbitos maternos de 2020 a 2023 na região Centro-Oeste do Brasil. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo ecológico, observacional e qualitativo, realizado a partir da coleta de dados no DATASUS TabNet, de modo a esboçar o perfil epidemiológico de óbitos maternos de 2020 a 2023 na região Centro-Oeste, conforme período da morte (gravidez, puerpério ou fora desses períodos), cor/raça e faixa etária. **RESULTADOS:** Registraram-se 725 óbitos maternos na região Centro-Oeste no período analisado, dos quais 0,4% ocorreram na faixa etária de 10 a 14 anos, 6,8% de 15 a 19 anos, 37,5% de 20 a 29 anos, 45% de 30 a 39 anos, 10% de 40 a 49 anos e 0,3% de 50 a 59 anos. Em relação à cor/raça, 31,7% dos óbitos maternos aconteceram em mulheres autodeclaradas de cor branca, 10% de cor preta, 0,1% de cor amarela, 54,4% de cor parda, 2,4% em indígenas e 1,4%



sem identificação. Ademais, conforme o período da morte materna (gravidez, puerpério ou fora desses períodos), 30,1% foram registrados durante a gravidez, parto ou aborto; 59,9% durante o puerpério até 42 dias; 2,2% durante o puerpério de 43 dias a menos de 1 anos; fora da gravidez ou do puerpério, 1,5%; 6,3% em período não identificado. **DISCUSSÃO:** Observou-se que há predomínio de óbitos maternos em mulheres de 30 a 39 anos, pardas, no período puerperal em até 42 dias. Ressalta-se que esses óbitos podem ser explicados pela dificuldade de acesso aos serviços médicos, à informação, aos insumos, medicamentos e a exames, resultando das condições socioeconômicas desfavoráveis de parte significativa das mulheres pardas, que representam o maior grupo populacional do país. Além disso, a maternidade em mulheres mais velhas tem crescido no Brasil, o que justifica a prevalência nessa faixa etária. No que tange ao período puerperal, a maior prevalência pode ser justificada por sequelas e complicações advindas da gravidez e do parto que trazem repercussões tardias nessa fase, marcada por mudanças fisiológicas intensas e fragilidade emocional. **CONCLUSÃO:** A análise dos óbitos maternos na região Centro-Oeste, entre 2020 e 2023, revela um perfil epidemiológico caracterizado pela maior ocorrência entre mulheres pardas, com idades entre 30 e 39 anos, especialmente no período puerperal de até 42 dias após o parto. Esses dados apontam para falhas na assistência pós-parto e para a persistência dos efeitos da desigualdade socioeconômica no acesso aos serviços de saúde, sobretudo considerando que 92% das mortes maternas são evitáveis. Dessa forma, os achados evidenciam a prevalência das barreiras estruturais relacionadas à pobreza, à discriminação, ao aumento da maternidade tardia e à descontinuidade do cuidado nesse período de fragilidade, marcado por intensas alterações fisiológicas e riscos de complicações tardias que demandam acompanhamento qualificado. Diante desse cenário, torna-se imprescindível o fortalecimento da rede de atenção obstétrica, com foco na equidade, na vigilância e na humanização do atendimento, sustentado por um compromisso com a justiça social, o acesso universal e políticas públicas direcionadas às populações mais vulneráveis.

PALAVRAS-CHAVE: Óbitos Maternos; Epidemiologia; Centro-Oeste.



REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Saúde. DATASUS. **Tabnet**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022. **Óbitos de Mulheres em Idade Fértil e Óbitos Maternos** - Brasil. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sim/cnv/mat10uf.def> Acesso em: 08 mai. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual dos Comitês de Mortalidade Materna**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_comites_mortalidade_materna.pdf. Acesso em: 08 mai. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. **Guia de Vigilância Epidemiológica do Óbito Materno**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 84 p.: il. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Acesso em: 08 mai. 2025.

Coelho R, Mrejen M, Remédios J, Campos G. (2022). **Desigualdades raciais na saúde: cuidados pré-natais e mortalidade materna no Brasil**, 2014-2020. Nota Técnica n. 27. IEPS: São Paulo. Disponível em: <https://ieps.org.br/nota-tecnica-27>.

MALAVÉ-MALAVÉ, M. **Gravidez Tardia: Chances e Riscos**. IFF/Fiocruz, 19 out. 2022. Disponível em: <https://www.iff.fiocruz.br/index.php/pt/?view=article&id=230:gravidez-tardia-2022&catid=8>. Acesso em: 08 mai. 2025.

SÁ, Edvaldo Batista de; SANTOS, Yuri Luciano; SILVA, Tatiana Dias. **Edição Censo Demográfico 2022**. Brasília, DF: Ministério da Igualdade Racial, fev. 2024. 13 p. (Informe MIR – Monitoramento e Avaliação, n. 3). Acesso em: 08 mai. 2025.